

Crescimento mais lento da economia

10 NOV 1980

GOZETTA MERCANTIL

Brasil

por Márcia Raposo
de São Paulo

A desaceleração de vendas sentida pelo comércio desde as duas últimas semanas de outubro não deverá impedir que a produção industrial se mantenha ascendente. O ritmo do crescimento poderá ser menor, estimam os empresários ouvidos por este jornal, mas os pedidos em carteira contratados à indústria deverão garantir crescimento até o final do ano.

"Esta redução de compras pode ser atribuída à proximidade das eleições, mas com a regulamentação de preços a 90% do IPC deverá ocorrer uma estabilidade nos acordos com os clientes e fornecedores, o que facilita os negócios e a tradicional demanda do Natal", lembrou Sérgio Haberfeld, presidente da Toga, uma das maiores empresas de embalagens flexíveis do País e presidente do Sindicato da Indústria de Artefatos de Pa-

pel, Papelão e Cortiça do Estado de São Paulo (Siapeco).

A indústria ainda vive hoje a dificuldade de obtenção de algumas matérias-primas como aço, alguns tipos de pigmentos e tintas, cartão para embalagens. "Nem mão-de-obra está fácil de se conseguir. Pusemos um anúncio para mecânico de caminhão e servente, ou seja, trabalhos comuns, e ninguém respondeu. Isto é sinal de que a demanda não deverá cair muito. A procura por aço, por exemplo, continua firme", comentou Benjamin Nasário Fernandes Filho, da Benafeir e presidente do Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço (INDA).

As compras do comércio estão sendo realizadas com maior freqüência junto à indústria e em quantidades mais ajustadas à saída de mercadorias das prateleiras como forma de evitar os custos financeiros elevados com manutenção dos estoques. O diretor da Associação Comercial de São Paulo, Marcel Solimeo, afirmou que a redução de vendas (faturamento) do comércio em outubro foi de 6%, em termos reais, ao repórter Fernando Canzian, de São Paulo.

A indústria acredita que as vendas deverão melhorar após o resultado do primeiro turno das eleições, para fazer os estoques do final de ano. Há, no entanto, alguma redução nas atividades das companhias de transportes de carga. "Neste ano, as eleições presidenciais precipitaram a tendência de queda, que ocorre normalmente mais para o final do ano", opinou Gilberto Della Volpe, diretor da Transporte Della Volpe, conforme apurou o editor Ariverson Feltrin, de São Paulo. A baixa movimentação de insumos para o campo, que já deveria ter iniciado o plantio da safra de verão — a maior do País — também afetou os transportes.

A expectativa de melhora do ritmo de vendas do comércio baseia-se, em boa parte, no fato de que com os dissídios coletivos favoráveis, obtidos por diversas categorias profissionais, deverá ingressar no mercado, ao lado da antecipação do 13º salário (novembro), uma massa considerável de recursos,

conforme previsão de Carlos Eduardo Uchôa Fagundes, do Departamento de Estatística (Decad), da FIESP, feita ao editor Rodrigo Mesquita.

"O varejo estava estocado em outubro. Mas neste mês deverá voltar às compras porque os dissídios vão incrementar o consumo", afirmou Dante Galician Neto, vice-presidente da Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação (Abia), à repórter Fátima Fernandes, de São Paulo.

(Ver página 7)

O consumo de folhas-de-flandres no mercado interno está alcançando níveis recordes, tendo chegado no terceiro trimestre deste ano à marca de 210 mil toneladas. Revestidas com estanho, as folhas-de-flandres transformam-se principalmente em embalagens para alimentos enlatados.